



A permanência em situação de rua - Um olhar fenomenológico para a relação pessoa-rua*

Giulia Natália Santos Mendonça^{1,2}

 <https://orcid.org/0000-0002-2305-3872>

Alexander Hochdorn^{1,2}

 <https://orcid.org/0000-0002-6262-3233>

Romeu Sérgio Maia de Albuquerque³

 <https://orcid.org/0000-0002-2793-0342>

Objetivo: a presente pesquisa objetivou compreender as construções que se estabelecem na relação da pessoa que vive em situação de rua com esse contexto e que impactam na escolha pela permanência em tal situação.

Metodologia: na pesquisa foi adotado um procedimento metodológico qualitativo. Foi utilizada a entrevista narrativa aberta para coleta de dados e o método fenomenológico de investigação para a análise articulada em três níveis: 1) Relações Familiares, 2) Acolhimento e 3) Viver na rua.

Resultados: participaram da entrevista narrativa três pessoas do sexo masculino que têm entre 5 a 15 anos consecutivos de permanência e escolha pela situação de rua. Por meio das articulações teóricas e metodológicas aproximou-se de uma dimensão do que é construído na vivência pessoa-rua. O olhar encontrou a construção e a potencialidade, ultrapassando as representações limitadas à falta ou à ausência de vida. Considerou-se a escolha e autonomia da pessoa, a partir do sentido construído pelas mesmas. **Conclusão:** conclui-se que tal relação necessita ser compreendida a partir da interlocução não linear da clínica com o corpo social.

Descritores: População em Situação de Rua; Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias; Terapia Gestalt; Pesquisa Qualitativa.

* Artigo extraído da dissertação de mestrado "A relação pessoa-rua: sentidos e possibilidades de vida nesse contexto", apresentada à Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

¹ Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

² Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

³ Secretária de Estado de Saúde do Distrito Federal, Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas - CAPS AD III Candango, Brasília, DF, Brasil.

Como citar este artigo

Mendonça GNS, Hochdorn A, Albuquerque RSM. Staying on a street situation - A phenomenological look at the person-street relationship. SMAD, Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. 2023 Abr.-June.;19(2):45-54. [cited ____/____/____]. Available from: _____. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2023.194401>

Staying on a street situation - A phenomenological look at the person-street relationship

Objective: this research aimed at understanding the constructions that are established in the relationship of a person who lives in a street situation with this context and that exert impacts on the choice to remain in such situation. **Methodology:** a qualitative and methodological procedure was adopted in the research. Open narrative interviews were used for data collection and the phenomenological research method was employed for the analysis articulated at three levels, namely: 1) Family relationships; 2) Welcoming; and 3) Living in the streets. **Results:** three men participated in the narrative interviews, with between 5 and 15 consecutive years living in the streets and own choice for such situation. Through the theoretical and methodological articulations, a dimension of what is built in the person-street experience was approached. The perspective found construction and potentiality, exceeding representations limited to lack or absence of life. People's choice and autonomy were considered, based on the meaning constructed by them. **Conclusion:** it is concluded that this relationship needs to be understood from the nonlinear interlocution of the clinic with the social body.

Descriptors: Street Population; Disorders Related to Substance Use; Gestalt Therapy; Qualitative Research.

Permanencia en situación de calle - Una mirada fenomenológica a la relación persona-calle

Objetivo: esta investigación tuvo como objetivo comprender las construcciones que se establecen en la relación de la persona que vive en situación de calle con este contexto y que impactan en la elección de permanecer en dicha situación. **Metodología:** en la investigación se adoptó un procedimiento metodológico cualitativo. Se utilizó la entrevista narrativa abierta para la recolección de datos y el método de investigación fenomenológico para el análisis articulado en tres niveles: 1) Relaciones familiares, 2) Recepción y 3) Vivir en la calle. **Resultados:** participaron de la entrevista narrativa tres personas del sexo masculino, que viven en situación de calle hace entre 5 y 15 años consecutivos y que eligieron dicha situación. Mediante articulaciones teóricas y metodológicas se logró aproximarse a una dimensión de lo que se construye en la experiencia persona-calle. La mirada encontró la construcción y la potencialidad, superando las representaciones que se limitan a la falta o ausencia de vida. Se consideró la elección y la autonomía de la persona, a partir del significado que los participantes construyeron. **Conclusión:** es necesario comprender esta relación a partir de la interlocución no lineal de la clínica con el cuerpo social.

Descriptores: Población en Situación de Calle; Trastornos Relacionados con el Consumo de Sustancias; Terapia Gestalt; Investigación Cualitativa.

Introdução

A presença de pessoas que utilizam a rua como espaço de sobrevivência é uma realidade historicamente concebida em diversas partes do mundo. No Brasil, tal processo foi intensificado com o desenvolvimento industrial em meados do século XX, quando populações rurais passaram a buscar novas formas de vida nas grandes metrópoles. As pesquisas mais recentes na temática indicam, entretanto, que a maioria das pessoas que vivem em contexto de rua atualmente é proveniente de zonas urbanas⁽¹⁾.

A partir de 2004, após um histórico de iniciativas circunscritas às áreas de filantropia, políticas de âmbito nacional sob o foco da Assistência Social propostas pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário (MDSA) foram impulsionadas. Procurou-se formular uma definição que pudesse abranger as diferentes dimensões e contextos da população em situação de rua, que passou a ser definida como "Grupo populacional heterogêneo constituído por pessoas que possuem em comum a garantia da sobrevivência por meio de atividades produtivas desenvolvidas nas ruas, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a não referência de moradia regular"⁽²⁾.

Existe uma incoerência na proposição de classificações para essa população por não corresponder às múltiplas manifestações de realidade subjetiva enfrentada pelas pessoas que permanecem nesse contexto.

O primeiro e ainda único censo decenal publicado em 2009 identificou cerca de 31.922 pessoas vivendo em situação de rua no nosso país. Uma estimativa mais recente divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2016, aponta que esse contingente triplicou em sete anos, totalizando cerca de 101.854 pessoas nessa condição. Importante pontuar a ausência de dados oficiais sobre essa população, condição que pode ser explicada parcialmente pela complexidade operacional de uma pesquisa de campo com pessoas sem endereço fixo⁽³⁾.

Mesmo diante da heterogeneidade desse grupo, reforçada pela redação da política nacional, essa população é tratada com homogeneidade. Mais do que a naturalização do fenômeno, a ausência de respostas acerca da singularidade das pessoas que vivem em situação de rua impede o entendimento de histórias importantes para uma aproximação com essa realidade enquanto possibilidade de existência. De acordo com Mendonça⁽⁴⁾ não se trata de negar o caráter social, mas se faz necessário enxergar o sujeito imerso nesse contexto, compreender a subjetividade desses indivíduos sem destituí-la de sua totalidade. Sabe-se que a situação de rua é um fenômeno que possui facetas históricas, políticas e sociais que se atravessam mutuamente. É preciso considerar e compreender os

sentidos que atravessam a experiência de viver na rua a partir da diversidade que envolve esse modo de vida. As trajetórias vividas até a chegada na situação de rua são caracterizadas por sucessivas experiências de perdas e desvinculação social. Porém a dialética inerente a temática nos incube de refletir sobre uma hipótese: existem pessoas que escolhem nela permanecer⁽⁵⁻⁶⁾.

A psicologia enquanto ciência e profissão tem construído aproximações com o campo social que articulam práxis não mais restritas a uma concepção clínica intrassubjetiva, mas que vai ao encontro das pessoas em seus contextos. Tal percurso é compreendido a partir do conceito de Clínica Ampliada⁽⁷⁾ ou Transclínica⁽⁸⁾ um dispositivo de saúde que faz interface com a complexidade dos processos de sofrimento psicossocial, propondo um cuidado que abarque a integralidade e singularidade das vivências humanas, incluindo os determinantes sociais e não somente os processos psicopatológicos individualizantes. A clínica, portanto, torna-se um recurso interventivo, um encontro, uma escuta, uma ação engajada politicamente.

Alinhada a essa concepção tem-se as contribuições da Gestalt-terapia que com a perspectiva fenomenológica existencial reafirma a dialética saúde e doença e considera a singularidade, autonomia, responsabilidade como elementos que constituem a relação pessoa-mundo. Essa convergência possibilita a interface dessa abordagem com ações de cuidado e escuta trazendo ferramentas importantes para a compreensão da dinâmica do funcionamento saudável e não saudável, buscando possibilidades e restabelecimento de um contato satisfatório com as pessoas, entendendo que cada uma possui um modo particular de estar-no-mundo, e conseqüentemente de adoecer⁽⁹⁾. É dessa maneira que a visão gestáltica busca ir além da descrição dos sintomas, para compreender o sentido do processo de adoecimento⁽¹⁰⁾.

Considerando a complexidade do fenômeno, autores⁽¹¹⁾ chamam a atenção para as produções identitárias intra, inter e extra subjetivas, capazes de gerar sentidos múltiplos sobre si, sobre o outro e sobre a vivência de rua enquanto espaço material e simbólico. Não obstante, as pesquisas sem conhecimento prévio dos moradores de rua tratam, na maioria dos casos, a consequência como causa no que diz respeito à rua como moradia dos indivíduos⁽¹²⁾. Esse panorama não atinge apenas o contexto brasileiros, mas também vários países ao redor do mundo que ainda não possuem políticas públicas eficazes para enfrentar essa realidade seja no nível paradigmático, seja pragmático⁽¹³⁾.

Desse modo, o trabalho objetiva compreender a complexidade das relações pessoa-rua e como estas impactam nas vivências das pessoas que escolhem permanecer nesse contexto tendo em vista que a realidade social e a dimensão clínica se entrelaçam indissociavelmente.

A partir da temática buscou-se responder à seguinte pergunta: "Como se constitui a experiência pessoa-rua e qual o impacto na escolha desta como contexto de vida e permanência?"

Metodologia

Na pesquisa foi adotado um procedimento metodológico qualitativo, articulado como estudo de caso, que se caracteriza pela visão subjetiva e contextualizada do fenômeno estudado. Foi aplicada a entrevista narrativa aberta para coleta de dados e o método fenomenológico de investigação de Giorgi⁽¹⁴⁾ para a análise fenomenológica. Para o autor, o objetivo deste método consiste em acessar a intencionalidade da consciência para alcançar a essência de um determinado fenômeno.

Perceber o mundo a partir das lentes da Fenomenologia é preocupar-se com o sentido das coisas mesmas, ou seja, da forma como são significadas pela experiência de quem as vive. Considera-se que existe um movimento descritivo realizado pela consciência que atravessa uma estruturação social até que se estabeleça uma relação intersubjetiva com o fenômeno. A intencionalidade produz sentidos singulares ao vivido⁽¹⁵⁾.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/ Goiás, se adequando às exigências das Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e complementares com o número de parecer 3.182.691 e CAEE: 04851318.9.0000.0037. Foi identificado pelos pesquisadores o benefício (direto ou indireto) da participação como uma possibilidade de reflexão acerca da singularidade das pessoas que vivem em situação de rua, sendo experiências importantes para romper com estigmas e construir um cuidado integrado que respeite a autonomia e os direitos humanos dessa população. O risco mensurado foi o constrangimento ou desconforto de algum participante durante a realização da entrevista, o que não aconteceu pois foi minimizado com o caráter individual do encontro, o sigilo das informações, bem como a partir da busca do espaço inter-relacional e dialético durante o momento da coleta, proporcionando a expressão legítima das percepções do sujeito em um contato livre de julgamentos. O sujeito podia desistir de sua participação em qualquer momento durante o desenvolvimento da entrevista. A entrevistadora, de fato, se colocou à disposição para oferecer suporte aos participantes que se sentirem mobilizados com os conteúdos abordados durante a entrevista, fornecendo seu contato no termo de consentimento livre e esclarecido.

Participantes

Participaram do estudo três pessoas do sexo masculino, as quais foram identificadas com nomes

fictícios escolhidos pelos próprios participantes: Cristofer, 31 anos, ensino médio completo e dez anos em situação de rua; Carlos, 30 anos, ensino fundamental completo e cinco anos vivendo na rua e Matias, 46 anos, ensino fundamental incompleto e quinze anos de vida em situação de rua. O quantitativo de participantes se justifica pela limitação de tempo do estudo, já que o método se baseia em análises detalhadas das entrevistas narrativas, considera-se ainda a especificidade da população participante, como por exemplo alta rotatividade e dificuldade de adesão e vínculo, bem como atende ao objetivo proposto de compreensão de realidades subjetivas. A relação com serviços de saúde e lideranças comunitárias próximas ao território foi facilitadora. Os participantes foram selecionados por conveniência, após serem abordados pela entrevistadora que explicou sobre a pesquisa, todos foram voluntários no procedimento de coleta de dados e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Instrumentos

Em consonância com a abordagem subjacente ao presente estudo, de corte fenomenológico, foi escolhida uma amostra baseada em um estudo de caso, envolvendo três sujeitos, todos com trajetórias de vida e permanência na rua, considerada um lugar de encontro e participação. A entrevista narrativa, realizada diretamente nos locais de vivência dos protagonistas da pesquisa, pode ser considerada uma técnica de observação participante⁽¹⁶⁾. Tal método, que emerge de uma abordagem etnográfica, resultou, de fato, ser o mais compatível com uma matriz de conhecimento de tipo fenomenológico, a qual considera as experiências subjetivas (*Erlebnis*) como "àquelas disposições humanas que levam à pessoa a experimentar fenômenos como algo experimentado desde o âmago de si mesmo (...) e portadora de sentido e valor evidentes em si mesmos para o próprio sujeito que assim a vivência" (p. 96)⁽¹⁷⁾.

A pergunta norteadora, em consonância a abordagem fenomenológica, a justificativa e aos objetivos do presente estudo foi a seguinte: "O que você encontra na rua que te faz permanecer nela?" dando viabilidade para a entrevista narrativa aberta, que prevê a aproximação do pesquisador com os sentidos produzidos pelo participante⁽¹⁶⁾. Um questionário sociodemográfico aplicado após a entrevista auxiliou no entendimento de algumas características da amostra que viabilizaram a análise do perfil dos interlocutores.

Procedimentos de coleta de dados

A pesquisadora realizou o contato e encontro com os participantes no próprio contexto de vida: a rua. É importante destacar que foi considerado o momento vivenciado durante a abordagem, bem como um

diálogo inicial com os participantes que preencheram os critérios de inclusão e exclusão, estes foram convidados a participar da pesquisa, e receberam explicações detalhadas sobre os objetivos e procedimentos do estudo. As pessoas que concordaram em participar e consentiram em assinar o termo de consentimento livre e esclarecido foram submetidos à entrevista individual com a pesquisadora que aconteceu entre os meses de março à maio de 2019. O tempo de duração da entrevista variou entre 30 minutos e 1 hora. As mesmas foram gravadas para garantir a fidedignidade do conteúdo trazido, a identidade dos participantes foi preservada utilizando nomes fictícios, indicados pelos próprios sujeitos envolvidos.

Autores⁽¹⁸⁾ evidenciaram a potencialidade de analisar as narrativas individuais, fosse indispensável para poder acessar a complexidade relacional entre as práticas e a reflexividade dos sujeitos. Abordar as singularidades permite apreender a subjetividade como aquilo que escapa aos campos sociais, “o que não pode ser fixado por uma norma ou numa forma” (p. 31).

Análise dos dados

Foi utilizado o método fenomenológico de investigação, que corresponde a um método adequado à psicologia científica. O objetivo deste método é a intencionalidade da consciência, buscando alcançar a essência de um determinado fenômeno descrevendo-o minuciosamente até obter conhecimentos fidedignos⁽¹⁴⁾.

A análise dos dados foi realizada a partir da transcrição literal das entrevistas que descreviam as experiências dos participantes (sentido geral), em seguida a determinação das partes, com a divisão das unidades de significados (redução fenomenológica-psicológica), bem como a transformação das unidades de significado em expressões de caráter psicológico (síntese de significado) e, por fim, a determinação da estrutura geral de significados psicológicos (essência do fenômeno)⁽¹⁴⁾ que resultou em três níveis: 1) Relações Familiares, 2) Acolhimento e 3) Viver na rua, descritos na sessão de resultados.

Os dados discursivos, nos quais é fundamentado o procedimento metodológico do presente estudo, não podem ser considerados referências empíricas de um realismo objetivo e objetivante, mas de uma (co)produção discursiva entre o sujeito observador e o sujeito observado. As narrações, ao redor das quais é articulada essa análise fenomenológica, apresentam-se como meta-artefatos, ou seja, “dispositivos de mediação, socialmente construídos e culturalmente cristalizados, através dos quais os atores interagem com o mundo e agem neste” (p. 73)⁽¹⁹⁾.

Logo, mais do que o conteúdo explícito, objeto das metodologias lexicográficas de corte sociocognitiva, no presente estudo se prestou atenção às matrizes

retóricas, que permeiam implicitamente as produções narrativas dos sujeitos entrevistados, a fim de acessar as representações intra-, inter- e extrasubjetivas, subjacentes a uma visão fenomenológica da realidade vivenciada pelos participantes da pesquisa⁽²⁰⁾. Foi, de fato, particularizado o sentido e o significado atribuído a realidade e ao fenômeno da rua, enquanto contexto de interação cotidiana, em relação as coordenadas históricas, simbólicas e normativas que circunscrevem o *Dasein* dos sujeitos entrevistados; o significado, neste sentido, não está nas palavras (conteúdo explícito), mas entre as palavras (conteúdo implícito).

Resultados e discussão

As narrativas analisadas carregam experiências que se aproximam da relação que estas pessoas estabelecem com a rua, consigo mesmas e com o campo social. Encontram-se essas vivências a partir de um recorte aproximativo com a dimensão do viver na rua enquanto possibilidade subjetiva, sem perder de vista questões circunscritas à constituição de sujeitos também contextualizados e inscritos em um grupo populacional. Para tanto destaca-se abaixo uma breve contextualização que marca a singularidade de cada história antes de interrelacioná-las.

Trata-se de três participantes, aos quais foram atribuídos nomes fictícios, sendo identificados neste estudo como: Cristofer, Carlos e Matias.

Cristofer conta que a ida para a rua se deu por uma imposição do pai, comunicada pela mãe após conflitos relacionais recorrentes. Refere que tais situações impactaram em seu bem estar psicológico, afirmando que é difícil se organizar a partir dos vínculos familiares interrompidos. Relata que a vivência na rua acontece por meio de estratégias de convivência, respeito e pertencimento. Sendo a subsistência a etapa mais simples de se garantir, o que afirma que não acontece com seus direitos e bem-estar, fatores indispensáveis em sua perspectiva. Cristofer não realizava uso de drogas, até o momento da entrevista, há três anos. Viveu a maior parte do seu período em situação de rua, na região conhecida como Cracolândia na cidade de São Paulo, sendo vinculado, na época, ao tráfico de drogas e à facção do Primeiro Comando da Capital (PCC). Afirma que o apoio dos serviços especializados foi um importante recurso de construção de um projeto de vida e suporte psicossocial. Este participou de programas que promoviam a cidadania e participação social. Atualmente, vive em situação de rua em Brasília por escolha autodeclarada e possui articulações que buscam superar as barreiras da vulnerabilidade.

Carlos afirmou que decidiu sair de casa após percurso de conflitos com a mãe e a esposa, diante de sua relação com o uso de substâncias e atividades

ligadas ao tráfico. O mesmo sentia-se controlado pela família e foi ameaçado por amigos que o acusaram de traição. Carlos apontou a rua como um lugar onde se encontram pessoas que vivem situações parecidas e que não há cobranças. Trouxe a violência do Estado como marcante e afirma que tal processo se intensifica pela despersonalização da pessoa que vive em situação de rua. Carlos fez uma comparação entre a rua e o sistema penitenciário, afirmando que se diferenciam, pois a primeira consolida o respeito como forma relacional.

Matias traz em seu discurso a morte das figuras parentais, o pai durante a sua primeira infância e a mãe no início da adolescência, tais acontecimentos o colocam diante de interrupções significativas, impossibilitando a concepção de família e moradia em residência após tais episódios. O mesmo saiu de casa sem comunicar a esposa e filhos, perdendo qualquer contato a partir de então. Outros aspectos marcantes são a centralidade do trabalho em sua vida, sendo exercido regularmente como o elemento que ele atribui a sua valoração. Existe ainda por parte dele o uso regular de *crack* (após o horário de trabalho), o que não traz prejuízos diretos à sua vida, segundo ele, contrariando os apontamentos de senso comum direcionados a essa temática. Matias trabalha informalmente como pintor, mestre de obras e, atualmente, é porta-voz de um projeto social de geração de renda.

A seguir serão elencadas as estruturas gerais de significado, apresentadas em termos de categorias. Estas correspondem a redução fenomenológica das unidades comuns, como detalhado no método de análise das entrevistas, trata-se da aproximação do sentido das dimensões psicológicas expressas pelos participantes da pesquisa ao descreverem suas experiências com o fenômeno estudado.

Durante a análise das entrevistas nota-se um padrão narrativo: ambas se iniciam a partir do relato do motivo pelo qual chegaram à condição de viver na rua, perpassam em sequência a relação atual com essa motivação, articuladas ao que encontram na rua e por fim descrevem os modos de vida nesse contexto.

A análise fenomenológica será descrita a partir de três categorias 1- Relações Familiares, 2- A permanência na rua e 3- modos de vida na rua.

A primeira categoria, intitulada "Relações Familiares", reúne a dimensão aproximativa com os elementos envolvidos na ida para a situação de rua. A unidade comum que corresponde à descrição de todos os participantes trata-se da experiência de conceber a rua como possibilidade a partir da interrupção dos vínculos familiares. A narrativa de Cristófer refere a ação de sair de casa devido aos conflitos familiares, a saída neste caso não é uma escolha, mas constitui-se após uma determinação dos pais. Carlos decide sair de casa

após conflitos com a mãe. Já Matias opta por sair da casa após a perda das figuras parentais, inicialmente o pai e em seguida a mãe. Nos três relatos houve a interrupção dos vínculos, seja por imposição, escolha ou fatalidade. Nota-se que a relação com esse fenômeno é uma condição não saudável para os participantes, compreende-se que estar na rua é também uma forma de continuar a viver tais interrupções.

Heidegger⁽²¹⁾ afirma que o humano é significado pela sua condição de ser livre. O homem é fruto de sua liberdade porque quotidianamente escolhe as ações que irá praticar. Dessa forma, a liberdade não é uma conquista humana, ela é uma condição da existência humana, como demonstrado nos seguintes trechos das entrevistas realizadas:

Trecho 1: *A quebra de vínculo familiar acredito que esse é o problema, eu não me dava muito bem principalmente com meu pai. E essa desavença fez com que meu pai pedisse pra minha mãe escolher entre eu e ele. Ela pediu pra eu sair de casa e caçar meu rumo.* (Cristófer)

Trecho 2: *A mãe de tanto aconselhar e eu não ouvir, falou que não queria mais saber de mim. A única opção foi vir para a rua.* (Carlos)

Trecho 3: *Eu não me sinto mais bem, eu entro em uma casa, eu lembro de minha mãe, entendeu, dela conversando comigo. Eu fico perdido, sempre, é uma coisa que não tem ser humano que tira.* (Matias)

Zinker⁽²²⁾ afirma que a família é uma totalidade onde as partes se afetam na busca de autorregulação como uma unidade de coesão contextualizada. A esse sistema é atribuída a capacidade de desenvolver uma percepção de si e uma diferenciação dos outros. Dessa forma, nota-se nas falas o conceito de casa fixado à ideia de família, o que traz uma reflexão sobre o elo entre estes elementos. A casa é representada nas narrativas como o lugar onde se consolida a vida em família, assim quando se questiona tais vínculos, a ligação com esse espaço é revista em alguma medida como forma de ajustamento criativo. Cardella⁽²³⁾ traz o ajustamento criativo como a capacidade de inserir o novo naquilo que é velho para recriar o formato. A realidade relacional como algo flexível que pode ser transformada.

A desvinculação no eixo sociofamiliar é um processo de fragilização que pode converter-se em isolamento e vazio social, a rua é uma forma de senti-lo. O contato, enquanto processo de encontro, surge como uma oportunidade de afetar e ser afetado em relações construtivas e ou destrutivas⁽¹²⁾.

A segunda categoria nomeada "Acolhimento" é composta pelos elementos que tornam possíveis se aproximar do que se encontra na vivência de rua e se associa à escolha pela permanência em tal situação. A unidade comum que melhor se aproxima das narrativas dos três participantes nesse âmbito é a rua como um

lugar onde se encontra ajuda, ausência de cobranças sociais, tranquilidade e liberdade, elementos apontados como importantes para estruturação, construção de objetivos e bem-estar psicológico. Percebe-se que o não-lugar que emerge a partir da interrupção dos vínculos familiares é redimensionado nessa nova forma de vida concebível psicologicamente. O encontro se dá com o outro que vive situações parecidas, mas também é referido como um contato consigo mesmo, ambos pela via do acolher. A permanência é uma resposta a esse encontrar, já que o mesmo é uma alternativa que responde e dá sentido. Outros dois elementos se alinham à continuidade no contexto da rua: a discriminação e a perda do caminho social, ambos dimensionam que mesmo que não se escolha permanecer na rua, sair é um processo complexo, pois é difícil atravessar muros que aniquilam as possibilidades e que afastam a pessoa do caminho social (sic) – este último é utilizado na narrativa e está associado ao conjunto de regras e contratos de socialização, que ganham nossos arranjos com a dinâmica social da vida e manutenção no espaço na rua.

Tanto para o existencialismo quanto para a Gestalt-terapia, o ser humano só pode ser compreendido por ele mesmo, através de uma experiência direta de seu ser no mundo. Mesmo quando ele perde, momentaneamente, esta aptidão, continua sendo o mais fiel intérprete de si mesmo⁽⁹⁾. Nos seguintes trechos serão salientadas as construções discursivas através dos quais as pessoas entrevistadas atribuem um sentido a si mesmos e ao contexto (seja social, seja físico) de morar na rua:

Trecho 4: *Me mantenho na rua porque a rua é muito boa comigo e eu gosto da rua, não tem regras nem de mãe nem de esposa. Se soubesse disso teria vindo antes.* (Cristofer)

Trecho 5: *Na rua eu me encontrei, eu prefiro estar na rua. A rua é acolhedora, ela tira o peso, te acalma, dá liberdade de ir e vir, repensar minha vida e recomeçar.* (Carlos)

Trecho 6: *Me sinto perdido dentro de uma casa após a morte dos meus pais.* (Matias)

A rua é descrita por Cristofer, Carlos e Matias como uma lógica constituída e organizada por contratos tácitos de funcionamento e convivência. Existem especificidades de tempo e espaço que regem a sociabilidade nesse contexto. Esta é apontada como um lugar físico e também simbólico, já que está inscrita na identidade dessas pessoas. Segundo os participantes, a rua possui regras próprias, que passam pelo respeito, lealdade, e relações diversas com a higiene, corpo, dinheiro, dimensão do público e privado, do individual e coletivo, dos relacionamentos interpessoais, entre outros.

Nota-se que a rua compreendida a partir dessas representações não é apenas um lugar, mas um elemento dotado de significados constituídos a partir das relações que com ela se dão, a interação com a rua consolida modos particulares de existências.

A Gestalt-terapia se fundamenta numa visão específica da existência. Ela traz à liberdade humana, à individualidade e à responsabilidade pessoal de tornar-se cada vez mais consciente de si próprio, a partir da experiência vivida no presente e a visão holística do homem como ser no mundo⁽¹⁰⁾.

A rua, segmento dessa população, é um espaço de vivências, trabalho e moradia, vivê-la nessas dimensões de forma contínua é algo marcado por ressignificações e novas trajetórias. Esta apresenta diferentes formas e sentidos. Portanto, não se restringe apenas à situação de rua e sim, situações de rua⁽²⁴⁾. Uma antropóloga franco-argentina⁽¹⁷⁾ afirma ser necessário deixar de considerar a população de rua como uma espécie de retrato negativo da humanidade, analisada como um único conjunto indiferenciado e sempre a partir de suas perdas. Para a autora, a escuta e a análise destas vidas devem tentar, a partir de uma atenção mais sensível, ultrapassar esse sentido primeiro de perdas, não para deixar de ouvi-las, mas para entrar em contato com outras palavras e, portanto, com outras construções de perdas e ganhos formadores de uma condição de realidade social e psíquica permeadas por faltas, mas que não deixa de ser humana.

Sabe-se que o diálogo e compreensão das bases teóricas e filosóficas da Gestalt-terapia, pressupõem a tentativa de pôr fim à dicotomia entre o psicológico e o social, rompendo com os modelos causais simplistas. Dessa forma ela nos fornece elementos capazes de ir além de descrições individualizadas, mas que buscam representar uma realidade subjetiva na forma de uma totalidade contextualizada: pessoa-mundo⁽⁹⁾. As narrativas dos três sujeitos envolvidos na pesquisa demonstram egregiamente o quanto morar na rua representa uma escolha existencial conotada de agenciamento:

Trecho 7: *Me encontrei na rua. Lá tem pessoas com situações parecidas, nos acolhemos. Eu não consegui lidar com a indiferença na casa da minha mãe.* (Cristofer)

Trecho 8: *A rua é um desafio bom, porque assim muitas coisas que eu não sabia antes de eu vir para a rua, agora eu sei.* (Carlos)

Trecho 9: *A rua é uma forma possível de vida.* (Matias)

A definição do fenômeno de viver na rua perpassa aspectos coletivos e encontra a multiplicidade de condições pessoais, bem como a diversidade de soluções dada a existência nesse contexto. A rua é um meio de sobrevivência e de construção de uma identidade, onde se concretizam histórias baseadas em relações, trabalho, lazer, moradia. Ou seja, a rua é um espaço onde também se constroem vidas⁽²⁵⁾. Estes projetos e escolhas estão ligados às noções de liberdade e agenciamento. É sendo livre que se escolhe o que se quer ser. É o fato de poder fazer opções que constitui sua essência e lhe permite criar seus próprios valores. O homem é um ser diante da escolha. Não há como não escolher. Se ele é totalmente livre para escolher, também é responsável por tudo o que faz⁽²³⁾.

A terceira categoria “Viver na rua” refere-se às formas de se relacionar com e na rua. As unidades comuns identificadas são: A Droga, a Violência do Estado e as Relações Sociais.

A relação com a droga surge como uma forma de sobrevivência, mas não como recurso imprescindível, uma vez que é apontada a possibilidade de estar na rua sem fazer uso de substâncias, situação vivenciada atualmente pelo primeiro participante. Existe, porém, uma diferenciação nas formas de se viver na presença ou ausência do uso. O uso é associado ao respeito por parte de outras pessoas em situação semelhante, o não uso é apontado a um maior nível de organização operacional.

A Violência do Estado aparece ilustrada pela intervenção dos policiais, pelas ações higienistas de comerciantes, e pela deslegitimação de direitos dessa população.

As Relações Sociais se constituem na interação entre as pessoas e no acesso a dispositivos sociais, como por exemplo, o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop). Entende-se que a primeira está associada a interações necessárias, a segunda são relações de confiança. O trabalho surge como um elemento constituinte da dignidade e com função ocupacional:

Trecho 10: *A relação com o equipamento social, o acompanhamento é importante não apenas a nível de infraestrutura, mas suporte psicológico quando se perde o caminho.* (Cristofer)

Trecho 11: *Eu conheço várias pessoas que moram na rua e não usam droga.* (Carlos)

Trecho 12: *Todos os dias eles (os policiais) chegam querendo bater na gente. Consigo me proteger dessa violência como conheço da lei.* (Matias)

A rua traz a questão da sobrevivência e da subsistência, duas dimensões que passam pelas relações de autossuporte e heterossuporte, elementos internos e externos que auxiliam no desenvolvimento do indivíduo em seu processo de autorregulação⁽²⁶⁾. É preciso vincular-se, tais proposições dizem ao processo de filiação. Fala-se também sobre a diferença de viver na rua em diversas localidades, do pedido por comida, dinheiro e do trabalho informal como formas de garantias.

O uso de substâncias psicoativas é transversal às falas, pontuado como ponto marcante, mas não inerente a essa condição como se atribui no imaginário social. Importante destacar que o campo de apoio a esta pesquisa é um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS Ad III) – serviço de saúde que atende pessoas com uso problemático de álcool e outras drogas – o que faz com que esse tema esteja presente de alguma forma em todos os relatos.

A violência do estado e a violência relacional se associam nas falas à dificuldade mencionada de estabelecer

vínculos de confiança e se revelam como um dos recursos utilizados na resolução de conflitos nesse contexto⁽²⁷⁾.

A rua por fim é associada a liberdade, a livre escolha, a ausência de reguladores de condutas, como vivenciados socialmente, como por exemplo: a não obrigatoriedade de tomar banho, lavar roupas, de cumprir horários e pagar contas. As falas trazem que a rua possui mecanismos de manutenção no próprio contexto, a partir dos estigmas e marcas sociais e, também, da adaptação aos diferentes padrões cotidianos, que segundo eles impactam na continuidade neste contexto.

Merleau-Ponty⁽¹⁵⁾ afirma que o corpo é a própria existência, sendo este o lugar de significação de si e do mundo. O indivíduo existe a partir de sua comunicação corporal. O corpo é fonte de significação, não apenas um aparato físico, mas possui uma existência simbólica que expressa a si e comunica-se com o mundo, a partir do nosso modo de ser e estar. As relações são mediadas por um corpo social, dessa forma compreende-se a subjetividade para além de uma construção da interioridade, mas na corporeidade.

Yontef⁽¹⁵⁾ destaca ainda que a Gestalt-terapia possibilita uma abertura para compreender a totalidade como o resultado da interação entre dois ou mais fatores interligados e que se transformam. Os fenômenos são compreendidos a partir de um contexto composto por uma teia de forças inter-relacionadas.

A atuação em Gestalt-terapia deve partir da noção de que o indivíduo não tem significado separado do seu meio e que tal ambiente deve ser considerado, levando em conta que o campo é sempre composto por fatores múltiplos, interrelações complexas e diferenciadas, a partir da relação deste com o mundo⁽¹⁰⁾.

O ser humano tende a se autorregular para se adaptar melhor às relações com seu meio. Dessa forma a Gestalt-terapia deve estar atenta às partes do indivíduo e ao todo como fatores constituintes de uma unidade que se completam⁽⁹⁾.

Sabe-se que a Gestalt-terapia propõe uma visão integral do sujeito, portanto visa à não dicotomia entre corpo-mente. Entender os sujeitos como seres, cujas vivências singulares são construídas e reconstruídas a partir das relações que estabelecem com o campo, em um processo ininterrupto de busca de autorregulação e crescimento, permite uma visão mais ampla das possibilidades de existências dessa população.

Nesse sentido, a história de vida de quem vive e o viver na rua não constituem simplesmente uma descrição objetiva de eventos de vida. É um relato dotado de uma afetividade particular, justamente porque é a partir dele que o indivíduo se conta e se reafirma como sujeito, dentro do seu contexto⁽²⁸⁾.

O tom de desconfiança, as pausas emocionadas, a possibilidade de transpor o discurso introjetado de

autorreferência, e muitas vezes de intersecção com as representações estigmatizantes atribuídas a essas pessoas, dividem lugar com a escuta dialógica e o interesse pelos sentidos que estes sujeitos atribuem às suas vidas. Para além das construções teóricas, existe a história dimensionada que só quem experimentou corporalmente, socialmente e psiquicamente tal condição consegue relatar⁽²⁹⁾.

Conclusão

Por meio das articulações teóricas e metodológicas acessou-se a dimensão do que é construído (o que se encontra na rua e não apenas o que se perde) enquanto possibilidade social e vivência subjetiva, rompendo com a concepção restrita da redução das experiências às representações da falta ou da ausência de vida. O olhar foi para a construção e a potencialidade a partir do sentido construído pelos próprios sujeitos. Tal proposição considera a escolha e autonomia do sujeito, não retira dele a capacidade de afetar e afetar-se. Não se trata de negar aspectos relativos à vulnerabilidade, uma vez que eles estão circunscritos nas narrativas e compõem as histórias, a proposta é superar a uniausalidade.

A presente pesquisa, no que se refere aos seus objetivos de compreender e identificar aspectos relacionados a escolha pela permanência em situação de rua, cumpriu os propósitos, ciente que não se esgota aqui a reflexão, mas delinea-se a perspectiva negligenciada no imaginário social e em grande parte dos estudos que envolvem esse tema: nem todo mundo que está na rua apresenta a intenção de sair dela. Essa proposição demarca a diferença entre práticas assistencialistas e assistencialismo, comuns nesse cenário. A primeira perpassa a produção de projetos de vida, a segunda pauta-se em concepções morais e simplistas que impactam na formulação de políticas públicas para essas pessoas.

Como dimensão de fundo deste estudo está o conceito de clínica ampliada, ou abordagem psicossocial, que emerge a partir da necessidade de se pensar uma prática capaz de acessar demandas que não chegam ao *setting* terapêutico convencional, mas que precisam ser compreendidas a partir da interlocução da clínica com o corpo social na atuação profissional.

Este estudo dentro do nexo com seus objetivos metodológicos possui como limitação o número da amostra e a sua composição apenas por pessoas do sexo masculino, deixando de considerar aspectos importantes da existência feminina nesses contextos. Sugere-se para estudos posteriores a possibilidade de ampliar e diversificar a amostra, buscando as inter-relações de compreensão da experiência multideterminada e complexa de viver e ou permanecer em situação de rua no Brasil.

Agradecimento

Agradecemos a Nayla Julia Silva Pinto e à Agência de Traduções LatinTrad pela revisão do manuscrito.

Referências

1. Ministério do Desenvolvimento Social (BR). Política Nacional para Inclusão Social da População de Rua [Internet]. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social; 2008 [cited 2022 Jan 25]. Available from: https://www.justica.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2019-08/pol.nacional-morad.rua_.pdf
2. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (BR). Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais [Internet]. Brasília: Secretaria Nacional de Assistência Social; 2009 [cited 2022 Jan 25]. Available from: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf
3. Ferreira FPM. População em situação de rua, vidas privadas em espaços públicos: o caso de Belo Horizonte 1998–2005. In: Anais do XII Seminário sobre a Economia Mineira [Internet]; 2006 Aug 29-Sep 1; Diamantina, Brazil. Belo Horizonte: UFMG; 2006 [cited Sep 8, 2021]. Available from: <https://ideas.repec.org/h/cdp/diam06/096.html>
4. Mendonça GC. Sentidos subjetivos de moradores de rua frente ao futuro [Thesis]. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas; 2007 [cited 2021 Oct 12]. 113 p. Available from: https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/15862/ccv_ppgpsico_me_Gabriel_CM.pdf?sequence=1&isAllowed=y
5. Natalino MAC. Estimativa da população em situação de rua no Brasil [Internet]. Brasília; Rio de Janeiro: IPEA; 2016 [cited 2022 Jan 25]. Available from: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7289/1/td_2246.pdf
6. Quintão PR. Morar na rua: Há projeto possível? [Thesis]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2012 [cited 2021 Oct 8]. 151 p. Available from: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-07082012-122947/pt-br.php>
7. Amarante P. Saúde mental e atenção psicossocial. 1. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2007. p. 120
8. Lancetti A. Clínica Peripatética. São Paulo: Hucitec; 2005.
9. Polster E, Polster M. Gestalt-terapia Integrada. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial; 2001. 328 p.
10. Ribeiro JP. Gestalt-terapia: refazendo um caminho. 8. ed. São Paulo: Summus Editorial; 2012, 208 p.
11. Hungaro AA, Gavioli A, Christóphoro R, Marangoni SR, Altrão RF, Rodrigues AL, et al. Homeless population: characterization and contextualization by census research. Rev Bras Enferm [Internet]. 2020 [cited 2022

- Dec 18];73(5):1-8. Available from: <https://www.scielo.br/j/reben/a/mYpbwFhFbQtcpshF3s7fC4G/?lang=en>
12. Barboza A, Canan AH, Barbosa I, Santos Y. A Construção Social Do Morador De Rua No Brasil. *Jornal Eletr FIVJ* [Internet]. 2019 [cited 2022 Dec 18];8(15):213-27. Available from: <https://www.jornaleletronicofivj.com.br/jefvj/article/view/695>
13. Alowaimer O. Causes, Effects and Issues of Homeless People. *J Socialomics* [Internet]. 2018 [cited 2022 Dec 19];7(3):1-4. Available from: <https://www.walshmedicalmedia.com/open-access/causes-effects-and-issues-of-homeless-people-2167-0358-1000223.pdf>
14. Giorgi A, Sousa D. Método fenomenológico de investigação em psicologia. 1. ed. Lisboa: Fim de Século; 2010. p. 279
15. Merleau-Ponty M. Fenomenologia da Percepção. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes; 1999. 657 p.
16. Mantovani G. Analisi del discorso e contesto sociale. 1. ed. Milano: Il Mulino; 2008. 175 p.
17. Girola CM. Recontrer des personnes sans abri. Une anthropologie réflexive. *Politix* [Internet]. 1996 [cited 2021 Jul 11];34(9):87-98. Available from: https://www.persee.fr/doc/polix_0295-2319_1996_num_9_34_1033
18. Holanda JG. Getting by in the street system: Street dwellers, concepts and practices. *Civitas Rev Ciênc Soc* [Internet]. 2019 [cited 2021 Sep 9];19(1):28-44. Available from: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2019.1.30941>
19. Goffman E. A representação do eu na vida cotidiana. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 1985. 233 p.
20. Dutra E. After all, what does social means at phenomenological-existential clinical practices? *Estud Pesqui Psicol* [Internet]. 2008 [cited 2021 Oct 8];8(2):1-14. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000200008
21. Heidegger M. Ser e tempo. 10. ed. Petrópolis: Vozes; 2015. 600 p.
22. Zinker JC. A busca da elegância em psicoterapia: uma abordagem gestáltica com casais, família e sistemas íntimos. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial; 2001. 328 p.
23. Cardella BHP. Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades. In: Frazão LM, Fukumitsu KO, editors. *Gestalt-terapia conceitos fundamentais*. São Paulo: Summus Editorial; 2014. p. 104-30.
24. Frangella RT, Simone M. Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo. *Rev Antropol* [Internet]. 2012 [cited 2021 Nov 12];53(2):361-8. Available from: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/3739>
25. Lee KH, Jun JS, Kim YJ, Roh S, Moon SS, Bukonda N, Hines L. Mental Health, Substance Abuse, and Suicide Among Homeless Adults. *J Evid Inf Soc Work* [Internet]. 2017 [cited 2022 Dec 19];14(4):229-42. Available from: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/23761407.2017.1316221>
26. Sakai-Bizmark R, Webber EJ, Estevez D, Murillo M, Marr EH, Bedel L, et al. Health care utilization due to substance abuse among homeless and nonhomeless children and young adults in New York. *Psychiatr Serv* [Internet]. 2021 [cited 2022 Dec 18];72(4):421-8. Available from: <https://ps.psychiatryonline.org/doi/10.1176/appi.ps.202000010>
27. Freitas, MH. Leitura fenomenológica da religiosidade: implicações para o psicodiagnóstico e para a práxis clínica psicológica. *Rev Abordagem Gestál* [Internet]. 2017 [cited 2022 Dec 16];23(1):95-107. Available from: <https://www.redalyc.org/pdf/3577/357750480011.pdf>
28. Biscotto PR, Jesus MCP, Silva MH, Oliveira DM, Merighi MAB. Compreensão da vivência de mulheres em situação de rua. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2016 [cited 2021 Oct 12];50(5):749-55. Available from: <https://www.scielo.br/j/reusp/a/MW7WynyQxZyQNhWQtTThCgR/abstract/?lang=pt>
29. Gonçalves NL. Implicações vivenciais no cotidiano da pessoa em situação de rua do Distrito Federal [Dissertation]. Brasília: Universidade de Brasília; 2014 [cited 2021 Sep 15]. 57 p. Available from: <https://bdm.unb.br/handle/10483/10307>

Contribuição dos autores

Concepção e desenho da pesquisa: Giulia Natália Santos Mendonça. **Obtenção de dados:** Giulia Natália Santos Mendonça. **Análise e interpretação dos dados:** Giulia Natália Santos Mendonça, Alexander Hochdorn, Romeu Sérgio Maia de Albuquerque. **Redação do manuscrito:** Giulia Natália Santos Mendonça, Alexander Hochdorn, Romeu Sérgio Maia de Albuquerque. **Revisão crítica do manuscrito quanto ao conteúdo intelectual importante:** Giulia Natália Santos Mendonça, Alexander Hochdorn, Romeu Sérgio Maia de Albuquerque.

Todos os autores aprovaram a versão final do texto.

Conflito de interesse: os autores declararam que não há conflito de interesse.


Recebido: 25.01.2022

Aceito: 16.02.2023

Autor correspondente:

Alexander Hochdorn

E-mail: alexander.hochdorn@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-6262-3233>

Copyright © 2023 SMAD, Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons CC BY.

Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É a licença mais flexível de todas as licenças disponíveis. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados.